



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIANA DE ALMEIDA SANTOS

UMA REVISÃO DE TRABALHOS SOBRE FERNAND DELIGNY COM CRIANÇAS
AUTISTAS: CONTRIBUIÇÕES PARA AFIRMAR DIFERENTES MODOS DE
EXISTIR NA ESCOLA

SÃO JOÃO DEL-REI

2026

MARIANA DE ALMEIDA SANTOS

**UMA REVISÃO DE TRABALHOS SOBRE FERNAND DELIGNY COM CRIANÇAS
AUTISTAS: CONTRIBUIÇÕES PARA AFIRMAR DIFERENTES MODOS DE
EXISTIR NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia da Universidade
Federal de São João del-Rei (UFSJ), como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Omelczuk
Walter

SÃO JOÃO DEL-REI

2026

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à vida por todas as experiências que colocaram minhas convicções em conflito. É nesse movimento que eu vou me perdendo e reencontrando meus pedaços. Nunca serei inteira, acredito que o viver seja esse colar e se desprender. Como já dizia o psicanalista Contardo Calligaris (1948-2021) *"Não quero ser feliz. Quero é ter uma vida interessante"*.

Essa vida não seria tão interessante sem a minha mãe Rossana, com quem vivi à docência desde a minha tenra idade. Sem seu apoio, o caminho seria mais tortuoso.

Ao meu filho Augusto, meu maior afeto! Com quem vivo o materno na sua forma mais pura. É nessa grande experiência que as silhuetas da teoria são colocadas em prática.

À minha amiga Gisele, por todos os anos de amizade, companheirismo e compartilhamento da maternidade. Tudo fica mais leve com a sua presença.

Ao meu namorado Cassiano, que tem sido um amor romântico real e bonito. Segurando a minha mão e me incentivando a caminhar, sempre.

Aos meus animais de estimação, onde encontro ternura e paz.

Às pessoas que não estão presentes em matéria, mas sempre torceram por mim.

À minha orientadora Fernanda, pela apresentação do autor e me desafiar conhecê-lo.

E a todos que, de alguma forma, me atravessaram para que eu chegasse até aqui.

*“É chato chegar
A um objetivo num instante
Eu quero viver
Nessa metamorfose ambulante”.*
(Raul Seixas)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compartilhar o pensamento de Fernand Deligny, um etólogo, pedagogo e filósofo francês que buscou criar espaços para crianças ditas *inadaptadas*. O autismo passou a ser fonte para suas experiências a partir do encontro com Janmari, um menino de 12 anos, mudo e que tinha o diagnóstico de incurável. Para Deligny não tinha nada a ser curado e sim, vivenciado, tendo a cartografia como possibilidade do encontro e comunhão entre os gestos e os movimentos das crianças. Seu trabalho é ainda pouco conhecido no Brasil, mas há produções importantes que nos ajudam a pensar em outros modelos de inclusão e este trabalho buscou sistematizar essas produções com o intuito de observar qualitativamente e quantitativamente a capilaridade de sua obra apresentadas em artigos entre 2020 e 2025 no Brasil e em como elas podem colaborar com um ambiente escolar afirmativo das singularidades e diferenças.

Palavras-chave: educação; autismo; Fernand Deligny; educação inclusiva.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	6
II. AUTISMO	10
III. FERNAND DELIGNY E A REDE COMO EXISTÊNCIA	14
IV. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO – SISTEMATIZAÇÃO DE TRABALHOS SOBRE FERNAND DELIGNY E O AUTISMO	21
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
VI. REFERÊNCIAS	31

I. INTRODUÇÃO

A presença de crianças ditas *inadaptadas* tem sido cada vez maior no ambiente escolar tradicional. Esse adjetivo se dá a todas as crianças que possuem algum diagnóstico, que não se adaptam às normas escolares, que não aprendem no ritmo esperado, que não se socializam dentro da expectativa padronizada, incluindo, portanto, os quadros de autismo. Nas últimas décadas, houve um aumento considerável de crianças que se encaixam no transtorno do espectro autista – (TEA) nomenclatura utilizada na atualidade. Segundo Almeida e Neves (2020, p. 3) no primeiro estudo epidemiológico feito sobre autismo na Inglaterra em 1966, havia uma prevalência de 4,5 casos a cada dez mil. Desde então, a prevalência global de autismo aumentou 30 vezes. No ano 2000, o Center of Diseases Control and Prevention (CDC) criou o Autism and Developmental Disabilities Monitoring (ADDM), uma rede que se ocupa das estimativas e prevalência de TEA nos Estados Unidos. A partir de sua criação, foram realizadas pesquisas periódicas, de dois em dois anos, que monitoram os dados epidemiológicos de autismo. Sendo em sua primeira etapa realizada em 2000, a prevalência era de 1 autista para cada 150 crianças examinadas, já na segunda etapa realizada em 2002, o número se manteve. Em 2004, houve um aumento foi exponencial, passando de 1 caso para cada 68 crianças.

O autismo vem sendo estudado desde os meados do século XX, Assumpção e Pimentel (2000, p. 37) citam Leo Kanner, psiquiatra austríaco, que publicou um artigo chamado *Autistic disturbances of affective contact* em 1943, onde descreveu o autismo como “distúrbios autísticos de contato afetivo”, que tem como características um quadro caracterizado por um autismo extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia. Desde então, a etiologia do autismo passou por algumas mudanças, sendo inicialmente considerada uma “psicose”, como, a esquizofrenia. A partir da década de 70, houveram entendimentos diferentes do que era o autismo, trazendo uma visão voltada para uma deficiência cognitiva. Cientificamente, o autismo continua sendo abordado em vários estudos para entender sua origem, o seu desenvolvimento e o impacto causado na vida das pessoas acometidas.

Fernand Deligny foi um educador francês que radicalizou o modo de olhar para esta condição de ser a partir de seus estudos e vivências com crianças e adolescentes considerados inadaptados, dando espaço a novas pedagogias para possibilitar e afirmar a existência desses indivíduos. De tal forma, é importante destacar a forma crítica que Fernand Deligny tinha sobre encarar as diferenças com um rótulo, que normalmente é uma abordagem medicamentosa e psicopatológica, a fim de encontrar maneiras de fazer com que essas pessoas

se tornem produtivas para a sociedade e não para si mesmas.

Durante a década de 1950, no sul da França, quando Fernand Deligny começou seus trabalhos com crianças e adolescentes considerados inadaptados, a exclusão desses indivíduos era total, sendo limitados a instituições psiquiátricas. Aqui no Brasil, durante a mesma época, houveram acontecimentos no município de Barbacena - Minas Gerais, que culminou na morte de mais de 60 mil pessoas, justamente pela forma em como pessoas consideradas anormais eram tratadas no Hospital Colônia. Não necessariamente, essas pessoas tinham algum comprometimento mental, mas por se desviarem da conduta moral e apropriada da época, elas tiveram os seus direitos sociais arrancados. Essas pessoas eram homossexuais, mães solas, prostitutas, pessoas em situação de rua, mulheres que tiveram relações sexuais antes do casamento, alcoólatras, pessoas sem documentos e crianças órfãs ou rejeitadas. No livro e também documentário “*Holocausto Brasileiro*”¹ de Daniela Arbex é retratado os horrores que aconteciam no hospital Colônia de Barbacena, que funcionou da primeira década do século XX até 1980. O padrão de controle é reverberado aos modos tidos como aceitáveis na sociedade. Apesar das diferenças nos contextos citados e observados, esse controle é mantido em manutenção ao longo do tempo com o mesmo objetivo, universalizar as capacidades humanas em prol do funcionamento retilíneo da sociedade. Em paralelo com o documentário, as pesquisas me remeteram ao enredo do filme “Um estranho no ninho” - 1975 (mesmo ano de *Esse garoto aí*). Ele traz uma forte crítica aos formatos institucionais psiquiátricos que controlam a individualidade e liberdade, buscando padrões de ordem. Isso vale ao se pensar em como a sociedade lida com aqueles que não se adaptam às formas impostas.

Pensando nesses panoramas sobre o controle de corpos, é importante entender como a escola tem lidado com essa demanda, que tem sido crescente nos últimos anos. Lembro-me dos relatos da minha mãe, sobre os casos desafiadores que a encontraram ao longo dos seus 25 anos como professora alfabetizadora. Passado tanto tempo, encontro-me na mesma condição profissional de minha mãe, e durante os dois anos do meu estágio remunerado como professora de apoio na educação infantil, percebi que esses casos não deixaram de ser desafiadores, principalmente a pressão sob o professor para que ele molde o aluno de forma que satisfaça as expectativas sociais. As mudanças aconteceram nas estratégias de moldagem das instituições escolares, mas não no objetivo em moldar, padronizar e igualar o funcionamento desses corpos. Antes, não existia inclusão, agora é uma inclusão coagida. No livro “Fernand Deligny e as Ecologias do Humano”, o autor, Marlon Miguel, traz importantes

¹ Disponível na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=X2Cyme0jkPg&t=2s>

questionamentos sobre esses moldes:

Aquilo que devemos nos adaptar é sempre e necessariamente o mais adaptado para cada um? Esse movimento que se deve realizar é adaptado ao corpo que se esforça em fazê-lo? Por que a maioria supostamente consegue realizá-lo, seria preciso adaptar todos os corpos para que cada um também consiga? Ou, seguindo uma outra pista, não seria mais interessante adaptar o movimento em função do corpo em vez do corpo em função do movimento? (Miguel 2024, p.11)

O movimento de padronização dentro do ambiente escolar tem vitimado professores e crianças, já que não há abertura de adaptação por parte das instituições, o esforço é concentrado em moldar a criança de acordo com às exigências escolares tradicionais, gerando desgastes e conflitos. As crianças consideradas *normais*, também passam por esse processo de lapidação, não tendo suas subjetividades respeitadas. Fortalecendo a padronização de formas de existir em manutenção de uma sociedade produtiva economicamente e controlável.

Durante dois anos, sendo os anos de 2023 e 2024 completos, fui profissional de apoio de duas crianças autistas com níveis de suporte diferentes. Sendo no primeiro ano de estágio, um menino de 4 anos, não verbal e com nível de suporte nível 3 e no segundo ano de estágio, um menino de 5 anos, verbal e com nível de suporte 2. Esse processo me remeteu a profunda vontade de investigar as possibilidades de trabalho com essas crianças, de forma que suas existências fossem respeitadas e seus limites considerados na vivência escolar. No momento em que conheci o trabalho de experimentação feito por Deligny, me senti impactada ao perceber que as propostas oferecidas pela escola tradicional desumanizam o corpo atravessado pelo autismo e consequentemente o corpo do professor. E ecoava na minha cabeça: - Por que de ser daquela maneira? Maneira que tornava o espaço escolar desgastante e doentio, onde os avanços eram mínimos ao se tratar do desenvolvimento social e pedagógico daqueles corpos.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi qualitativa, com realização de levantamento bibliográfico sobre o tema e embasamento teórico coletado em artigos científicos da base de dados SciELO e Google Acadêmico, livros e vídeos. A sustentação teórica se concentrou principalmente nos autores Fernand Deligny e Marlon Miguel, contextualizando contribuições recentes de autores brasileiros que pesquisam sobre Fernand Deligny e seu trabalho com crianças autistas. O trabalho é dividido em três capítulos que irão apresentar os temas abordados, buscando relacionar as ideias com as demandas apresentadas. Sendo o primeiro capítulo **Autismo**, onde o objetivo é falar de forma resumida em como o autismo foi entendido e estudado ao longo dos anos desde sua identificação. O segundo capítulo, **Fernand Deligny e a rede como existência**, se concentra na vida e nos trabalhos desenvolvidos por Fernand

Deligny com crianças e adolescentes ditas *inadaptadas*; e o terceiro capítulo, **Levantamento Bibliográfico - sistematização de trabalhos sobre Fernand Deligny e o autismo**, descreve o processo de busca por artigos brasileiros nos últimos 5 anos que abordem o trabalho de Deligny correlacionando, analisando brevemente e enfatizando a importância do seu trabalho para uma vivência escolar mais humana com crianças autistas.

I. AUTISMO

O Autismo vem sendo amplamente discutido no que diz respeito a sua etiologia. Atualmente, a nomenclatura usada é (TEA) Transtorno do Espectro Autista, porém, desde seu surgimento, passou por mudanças tanto em sua nomenclatura quanto em relação a sua origem e a sua abordagem. A demanda dada a essa discussão se dá ao aumento significativo de diagnóstico e consequentemente a chegada dessas crianças ao ambiente escolar.

Na década de 40, Leo Kanner, psiquiatra austríaco, falou sobre o Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, tendo como características a ausência de fala como componente da comunicação, dificuldade nas relações afetivas com o meio, solidão autística severa, comportamentos ritualísticos, aspecto físico normal, predominância no sexo masculino. É importante ressaltar, que Kanner propunha falha no desenvolvimento psicoafetivo da criança como uma das causas da condição autística. Apesar dessa conjuntura no fator relacional, ele não descartava a contribuição biológica devido às alterações precocemente observadas. Foi devido a essa teoria afetiva, que em 1949 surgiu o termo “mães geladeiras”. Muito difundido no meio psicanalítico, Lima ressalta que (2014, p. 111 apud Lopes 2020, p. 512):

tendo como inspiração um artigo de Leo Kanner em que ele dedicou maior ênfase nas relações familiares de seus pacientes – relações por ele compreendidas como pouco afetuosas – para explicar o surgimento do fenômeno. Ao se referir às crianças, Kanner disse que estas eram mantidas em uma “geladeira que não degela”. Em outras palavras, eram pouco amadas.

Logo após a difusão dos estudos de Kanner, o também psiquiatra austríaco, Hans Asperger salientou as observações feitas por Kanner, adicionando alterações motoras leves e que a incidência era apenas em indivíduos do sexo masculino, o que ele nomeou de Psicopatia Autística. Suas conclusões foram feitas a partir da observação de alguns casos clínicos que ele acompanhava. Ambos acreditavam que o quadro autístico era relacionado a fenômenos de uma psicose, como a esquizofrenia. Essa que tem como característica uma distância sólida entre a fantasia e a realidade.

O fato de o autismo ser observado precocemente, desde os primeiros meses de vida, fez com que as pesquisas buscassem outras evidências, além de fatores afetivos, pois somente este não explicaria o seu surgimento. Tamanaha; Perissinoto e Chiari (2008, p. 297) citam a psicoterapeuta inglesa Frances Tustin, que de início difundiu a teoria afetiva, mas após fazer observações em bebês, percebeu que o autismo não seria explicado apenas através da relação da criança com o meio, mas também poderia ter relações orgânicas que não eram detectadas

com exames disponíveis naquele momento.

Desde então, o autismo tem passado por variações no que diz respeito sobre sua causa, diagnóstico e tratamento. Atualmente, de acordo com o Ministério da Saúde (2025), o (TEA) Transtorno do Espectro Autista é tido como uma condição neurológica que afeta principalmente a comunicação, a interação social e o comportamento. O termo Espectro é usado para abranger as diversas formas que a condição pode se manifestar em cada criança.

O (DSM-5) *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*-Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais foi desenvolvido pela Associação Americana de Psiquiatria ou APA (*American Psychiatric Association*) e está em sua 5ª edição desde 2013, sendo revisado em 2022. Conforme sua atualização, novos critérios são adicionados para auxiliar no diagnóstico de transtornos mentais. Até a 4ª edição, havia diversas nomenclaturas para o diagnóstico de autismo, Síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo Infantil, Transtorno Autista e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento. Côrtes e Albuquerque (2020, p. 868) dizem que essa mudança foi devido à falta de evidências para a separação contínua dos diagnósticos para autismo e com o intuito de melhorar a concordância desses diagnósticos entre os diversos centros clínicos e de pesquisa.

A (OMS) Organização Mundial de Saúde é responsável desde 1948 pela elaboração do (CID) Classificação Internacional de Doenças, que atualmente está em sua 11ª edição, em vigor desde 2022. A proposta é padronizar as doenças e suas nomenclaturas, facilitando o diagnóstico e o registro estatístico. Freitas, Benitez et al. (2023, p. 10 apud Doernberg & Hollander, 2016) “Ainda, o DSM cita como objetivos principais a melhoria da utilidade clínica e a pesquisa, já a CID divide seus objetivos em quatro: utilidade clínica, linguagem diagnóstica comum, propósitos de seguro, questões legais e longevidade da pesquisa”.

Apesar dos dois manuais divergirem em seus objetivos, sendo o DSM-5 para diagnóstico e o CID-11 para classificação, eles dialogam entre si e convergem no que diz respeito ao TEA, englobando as antigas classificações, buscando melhorar e facilitar o suporte necessário para cada caso. Antes dessa última atualização, os mesmos sintomas poderiam ter nomenclaturas diferentes, como, Síndrome de Asperger, Autismo Infantil, Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação (TGD-SOE) e Transtorno Desintegrativo da Infância (TDI).

O TEA é hoje compreendido como parte dos transtornos do neurodesenvolvimento, reconhecendo a diversidade de sintomas, comorbidades e trajetórias individuais. Essa abordagem permite que intervenções e apoios sejam personalizados, considerando as potencialidades e necessidades de cada pessoa, ao mesmo tempo em que valoriza o diagnóstico

precoce e a inclusão social. (Ministério da Saúde, 2025)

Através do Ministério da Saúde (2025), os sinais de TEA podem aparecer já nos primeiros meses de vida, alguns comportamentos são esperados em determinadas idades e a falta deles podem requerer mais atenção por parte de seus cuidadores. De acordo com o Ministério da Saúde (2026), os principais sinais de alerta para o autismo são:

- Ausência de contato visual ou expressões faciais.
- Não responder ao nome até os 12 meses.
- Atraso na fala ou regressão de habilidades já adquiridas.
- Pouco ou nenhum interesse por interações sociais.
- Comportamentos repetitivos (como balançar o corpo ou alinhar objetos).
- Resistência a mudanças na rotina.
- Hiper ou hipossensibilidade a sons, luzes, texturas.

O diagnóstico só pode ser feito por médicos, de preferência neuropediatras para crianças, em alguns casos podendo ser psiquiatras e pediatras. O processo investigativo envolve uma equipe multidisciplinar, como, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e pedagogos. É importante ressaltar que ao confirmar um diagnóstico deve-se levar em consideração o contexto social, familiar e econômico no qual a criança está inserida. Ao ponderar esses fatores, torna-se as adaptações adequadas viáveis perante a realidade de determinado caso. a

A escola é um dos ambientes mais impactados com os diagnósticos, que como mencionado anteriormente, tem aumentado cada dia mais. Não cabe ao âmbito educacional buscar rotulações para que esses corpos se tornem mais moldáveis, mas criar possibilidades para que esses corpos possam existir e desenvolver dentro dos seus limites. A rigidez autística é a maior dificuldade encontrada ao se pensar na organização de um ambiente escolar tradicional. Não há trabalhos voltados para aquele corpo, ele é considerado como mais um, que deve passar por todas as etapas como os outros. Porém, na prática nos esbarramos com a falta de profissionais, devido a todas as brechas que as políticas públicas encontram para não os contratar e a não consideração de que a escola deve ser um ambiente emancipatório e que para além da alfabetização, o ser social existe a partir do momento que a criança cresce se construindo como um. Isso tem gerado um colapso nas escolas, pois não existe iguais, cada ser humano traz uma bagagem com sua existência e os diagnósticos justificam a falta de flexibilidade que o ambiente conservador tem ao lidar com o diferente.

A partir do trabalho desenvolvido por Fernand Deligny desenvolve, o diferente é essencial para o funcionamento da rede. Como uma teia de aranha, ela é produzida através do que cada um tem a oferecer e seus passos em algum momento vão se encontrar com os outros passos, dando continuidade ao ato de tecer. Ao corpo com formato, que tem consciência de sua existência, cabe ofertar as suas capacidades para que as capacidades dos que ainda estão se construindo possa ser funcional e o mais independente possível. Um diagnóstico nesse molde limita essa funcionalidade visceral. A pedagogia de Deligny é a mais humana que tive contato até hoje.

II. FERNAND DELIGNY E A REDE COMO EXISTÊNCIA

Esse educador e etólogo, com recente aparição em estudos brasileiros, foi um francês nascido em 1913, que radicalizou em seu trabalho voltado para *experimentações* com crianças e adolescentes ditos *anormais*. Suas vivências pessoais, fizeram com que seu pensamento sobre o humano contornasse outras curvas para além das linhas retilíneas da normalidade, impostas pela modernidade europeia. Ele se dizia comunista, até a sua morte. Indo além de uma dimensão político-partidária, sendo a origem da palavra *communis* que significa comum, comunal, que pertence a todos. Portanto, Deligny (1978, p. 3 apud Miguel, 2024, p. 71) afirma que: “Eu falo de comunismo primordial e não de comunismo primitivo, [...] o que me ajuda a evitar as miragens da origem e enfatiza a importância desse comum aí que persiste a preludar, e que não se trata nem de um tempo passado nem de outro porvir”

O seu pilar principal se concentra ao questionar os métodos utilizados pelas instituições estatais junto aqueles que não se adaptam de forma *dócil*. Desde 1938 ele já vinha somando experiências com os ditos marginalizados. Primeiramente, em uma escola como professor de uma classe especial, onde tinha crianças com deficiências. Porém, sua atuação com crianças autistas sem manifestação da linguagem só aconteceu na década de 1970.

É impossível pensar no trabalho de Deligny, sem antes pensar no contexto político vivida naquele momento. Há um antes e pós Segunda Guerra Mundial, sendo antes um sistema rígido, pautado da educação disciplinar e punitivo, não dando abertura para pedagogias reais. Com o fim da guerra, houve o aparecimento de pedagogias experimentais, que questionavam o formato rígido disciplinar dos ambientes escolares, e o lugar que o professor ocupava frente ao aluno. Celestin Freinet (1896-1966) foi um pedagogo, também francês, que influenciou diretamente o pensamento de Deligny, pois seus trabalhos centralizavam as atividades educacionais nas experimentações e vivências da própria criança, deslocando o autoritarismo como norteador e dando lugar para as trocas construídas coletivamente. De acordo com Costa (p. 27, 2006) podemos afirmar que Freinet:

defende ainda que é através das experiências que as crianças chegarão ao verdadeiro conhecimento. Para isso acontecer, as escolas deverão se adaptar ao meio social das crianças, serem totalmente ativas e dinâmicas, permitindo assim, que elas alcancem com a máxima exuberância, seu destino de homem.

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, as políticas no que se refere à juventude

patológica, passaram a ter um tom mais rígido na Europa, sendo cada vez mais alvo de *consertos*. A adaptação desses corpos era fundamental para a manutenção da guerra, e posteriormente para reconstruir o que foi destruído. Nessa perspectiva, o Estado tem como objetivo fortalecer o seu poder, criando normas e explorando os *casos* com a intenção de manter a *ordem* social e realimentando-se através da regulação dos sujeitos. O *controle* dos corpos passa a ser um instrumento na manutenção da pirâmide social sustentada pelo capitalismo. O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) elaborou alguns conceitos que dão alicerce a essa lógica intensiva de controle para produzir indivíduos mais obedientes, produtivos e submissos, como o termo *corpos dóceis*, utilizado por ele no livro “Vigiar e Punir” (1975) descreve exatamente como as instituições operam com sistematizações organizadas para que o indivíduo deixe de ser social e passe a operar o seu movimento mecanicamente:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil é. Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados “corpos dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças. Ela dissocia o poder do corpo e faz dele, por um lado, uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita. (Foucault, 1999, p.118).

Antes da guerra, o ambiente era mais hostil, com poucas brechas para o desenvolvimento de trabalhos que estimulassem a liberdade como resistência. Muito pelo contrário, os ambientes psiquiátricos, escolares ou de reabilitação tinham como propósito disciplinar e tornar aqueles corpos produtivos, tornando-os dóceis o suficiente para servir as exigências capitalistas. No cenário pós-guerra, houve um relaxamento dessas imposições por parte do Estado, dando abertura para novas propostas. Em 1945, Deligny é nomeado diretor do (COT) Centro de Observação e de Triagem, um lugar onde jovens considerados “*delinquentes*” deveriam ser observados e acompanhados antes de terem seus futuros definidos com medidas punitivas. Deligny, ao contrário dos formatos asilares, não prendia os adolescentes. O objetivo era criar uma rotina para que os jovens fossem funcionais e responsáveis pelas suas atividades, dando um caráter participativo e efetivo socialmente. Ali, o papel dos educadores seria de auxiliar os jovens nas atividades das quais eles tinham

obrigações e não com intenção disciplinar. Esses educadores eram pessoas de camadas populares, e para Deligny isso trazia familiaridade para as experiências, porque eram pessoas com realidades parecidas com as dos próprios jovens, tornando a aproximação mais afetiva e menos defensiva por parte dos jovens. A participação de profissionais formados e formais era questionável devido a sua relação estreita com métodos de tratamento *ineficazes*, não contribuindo para que os delinquentes aprendessem a se autoavaliar. A distância do moralismo e da obrigação de seguir regras, dava espaço para que os adolescentes pudessem ser responsáveis por si e pelas suas escolhas.

Defensores dissimulados de uma ordem social podre e ruindo por toda parte, ocupam-se das vítimas mais flagrantes dos desmoraamentos: as crianças miseráveis. Importunos e tenazes, juntam-se como moscas, e o zumbido de sua atividade benfeitora camufla a simples necessidade de desovar nessa carne moribunda seus próprios desejos de obediência servil, de conformismo flácido e de moralismo de meia-tigela. (Deligny, 2018, p. 16)

Os *vagabundos*, adolescentes considerados problemáticos para a sociedade, eram livres e tinham acesso à rua. As pessoas de fora, que faziam parte da vivência daqueles jovens, tinham acesso ao Centro. E a adolescência é um terreno fértil para novas ornamentações e as demandas, usadas de formas favoráveis, podem ter outras perspectivas. Silva (2007, p. 7) diz:

A crise da adolescência, por exemplo, pode ser um importante momento em que o jovem toma para si modelos por ele mesmo escolhidos e busca livrar-se daqueles impostos até então. Certamente, como decorrência desse momento crítico podem surgir conflitos explícitos, mas Wallon alerta para o fato de que as crises no desenvolvimento não são sinônimo de conflito.

Essa aproximação social, principalmente dos familiares dos seus assistidos, é marcante na trajetória de Deligny, sendo o principal *tecer* da rede. Ao fazer esse movimento, ele questiona a ação estatal de encarceramento, pois ela não tem efeito algum sobre as questões sociais das quais esses jovens estavam inseridos. “A educação pensada por Deligny não se baseia nunca na normalização e na docilização, mas em um processo emancipatório”. (Miguel, 2024, p. 37)

Após o fechamento do COT, no ano seguinte, surgiu *A Grande Cordée* sendo citado como “organismo de cura livre” (Deligny, 2007, p. 418 apud Miguel, 2024, p. 39). A ideia é a mesma desenvolvida no COT, onde os laços entre educadores e adolescentes eram fortalecidos através dos projetos, sempre levando em consideração as circunstâncias sociais em que esses sujeitos foram *sujeitados*. Deligny teve forte influência do psicólogo francês Henri Wallon (1879-1962), com quem compartilhava ideologias do comum, onde a sociedade

fosse voltada para o desenvolvimento de todos e não apenas para uma parte favorecida. Sendo também a formação humana indissociável do meio social. “As necessidades do organismo e as exigências sociais são os dois pólos entre os quais se manifesta a atividade do homem” Wallon (1975, p. 109). Para Wallon, desde bebê há uma fusão psíquica entre o indivíduo e o ambiente, não sendo imutável, mas também não se separando.

Reiterando o encontro entre Wallon com Deligny, essas mudanças só podem acontecer se o meio e as famílias forem o centro do trabalho, não somente o indivíduo. Afirmando a citação acima, os conflitos acontecem justamente pelo encontro do “eu” com o “mundo”, se o ambiente não for trabalhado, os conflitos negativos serão ecoados no futuro desses jovens.

Ainda durante *A Grande Cordée*, Deligny passou a ver o cinema como forma de existência e resistência, que se fortalece através do coletivo. Para ele, o gesto de filmar dá sentido à obra daquele que filma. O termo *dispositivo* foi usado por ele muitos anos antes de Michael Foucault. Sendo para Deligny (1954) um recurso capaz de organizar as perturbações, tornando as intenções concretas. Para Foucault, na biopolítica, os dispositivos eram múltiplos mecanismos institucionais que replicavam e mantinham o exercício do poder nos corpos sociais. Portanto, para Foucault (1995 apud Weinmann, p. 17, 2006)

Um dispositivo também pode ser conceitualizado como uma configuração específica de domínios do saber e de modalidades de exercício do poder, a qual possui uma função estratégica, em relação a problemas considerados cruciais em um momento histórico

O cinema pode ser um desses dispositivos, porém, para Deligny era “uma faca de dois gumes”, ele pode ser favorável no sentido de dar espaço para que outras maneiras de existência possam ver e ser vistas, assim aumentando a dimensão crítica de como esses corpos ocupam os espaços, conseqüentemente fortalecendo as resistências às ditaduras. Mas também de massiva para docilizar corpos e mentes vulneráveis. O conhecimento sobre o funcionamento do cinema era fundamental para que o mesmo não fosse uma ferramenta de alienação. Sendo uma ferramenta de mediação para a comunicação, principalmente daqueles que não possuem linguagem verbal.

Em 1962, o filme *O mínimo gesto*² passa a ser gravado sem nenhum objetivo concreto, a única intenção é a experimentação e o elo pedagógico entre os que faziam parte dele. A centralidade das gravações é nos movimentos erráticos de Yves Guignard, um adolescente com traços psicóticos, pelos espaços por onde ele passava. Os gestos repetitivos são onde

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3lnpJTNrUdE>

nascem os diferentes encontros daquele corpo com o mundo.

Três anos depois, Deligny é convidado pelo psicanalista Félix Guattari para participar da clínica de La Borde. Sua participação foi mais distante através de alguns ateliês de artesanato e madeira, ele tinha muita relutância às atividades propostas. Foi durante esse período que ele conheceu Janmari, um menino de 12 anos com autismo severo. Através do seu diagnóstico como “incurável”, Deligny optou por radicalizar em suas experimentações na rede de acolhimento estabelecida em Cevenas, onde ele recebia crianças autistas e suas famílias para experimentações nas relações, principalmente em como ela poderia acontecer com crianças mudas, resistentes, inquietas e que não são moldadas por regras. Essas atividades foram registradas no filme *Esse garoto aí*³ de 1975.

O sítio no qual Deligny mudou-se com seu grupo, pertencia a Félix Guattari (1930-1992). Além de psicanalista, Guattari também era filósofo, como seu amigo Deligny, criticava fortemente o sistema capitalista e sua forma de subjugar os comportamentos. Através de Mansano (2009, p. 111) pode-se afirmar sobre Guattari:

vemos que a subjetividade é por ele compreendida como um processo de produção no qual comparecem e participam múltiplos componentes. Esses componentes são resultantes da apreensão parcial que o humano realiza, permanentemente, de uma heterogeneidade de elementos presentes no contexto social.

A partir do que ele pensava sobre a constituição humana, é possível pensar que o encontro entre Deligny e Guattari não é apenas físico, mas também em suas concepções de mundo e seu funcionamento. Para os dois, a natureza humana existe, porém, o meio será determinante na atuação desse ser na sociedade. Tendo a linguagem verbal como mecanismo primordial nas relações, para Deligny é a que acarreta uma ditadura às várias formas de existência. Nesse sentido, ele via a palavra como um problema ao pensar que ela sujeita aqueles que não verbalizam, passando a ser um instrumento violento de poder. E assim, abrindo uma cratera entre pessoas não verbais e suas presenças literais na sociedade.

Por aí se vê que a rede e o que se pode chamar de sociedade não são a mesma coisa. Melhor: essa coisa que é a sociedade, onde o ser consciente de ser se esbalda, pode tornar-se tão coercitiva, tão ávida de sujeição, que as redes se tramam fora da influência da sociedade abusiva. (Deligny, 2015, p. 25)

Para ele, o sujeito falante ordena os outros a partir das suas experiências. Porém, as experiências são únicas, tornando violentas as tentativas de sujeitar através da palavra. Ao

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m3XitSjOWk0&t=374s>

pensar no sujeito autista não verbal, essa verbalização inviabiliza qualquer possibilidade de que ele exista. “O paradoxo da linguagem é que o mundo das palavras cria o mundo das coisas, ao mesmo tempo, a palavra mata a coisa” (Deligny, 2007, p. 932 apud Miguel, 2024, p. 70).

Na instalação da *rede*, que se consistia na participação ativa dos autistas na rotina da instalação e a colaboração das pessoas de sua convivência, a geografia será o tamponar das vacâncias deixadas pela falta das palavras. A experimentação não tinha nenhum objetivo pedagógico, mas sim de criar um ambiente onde *a forma de ser* pudesse ser compreendida e desenvolvida, não tratada. Deligny acreditava que os gestos autistas tinham uma organização interna própria, e contrário ao que o senso comum prega, elas não são aceitas pelos que dispõem da palavra. Em Cevenas, as atividades desenvolvidas são voltadas para a emancipação daquele corpo, organizando um espaço favorável para que ela aconteça através de atividades rotineiras.

A partir da cartografia, Deligny cria mapas onde é possível as *presenças próximas* encontrarem aqueles que se fundem com as coisas. “A pesquisa cartográfica mapeia os movimentos, trajetos e percursos dos autistas nos territórios, registrando e acompanhando suas linhas de errância (ou erráticas): são linhas “errantes porque as crianças não funcionam pela consciência dos atos”” (Deligny, 2015, p. 22 apud Alves e Pérez, 2018, p. 581)

Ao pensar nas necessidades dos autistas, para ele é dispensável profissionais terapêuticos, buscando criar uma *rede* com aqueles que são próximos dessas crianças e com pessoas que estivessem dispostas a aprender com eles outras formas de encontros. Essas pessoas desenvolveram técnicas de serem presentes, mas sem excessos. O objetivo era criar um espaço onde a criança pudesse existir, através da regularidade das atividades. A intervenção deve ser feita no espaço e não na criança, as mudanças serão feitas de acordo com os movimentos apresentados. Os gestos, balanços e movimentos autistas não compreendidos pelos que dispõem da palavra não devem ser eliminados, eles vão se integrar ao que aquele corpo consegue codificar. O termo *corpo comum* utilizado por Deligny, são as possibilidades criadas pela rede através da junção do corpo autista ao corpo que verbaliza, no espaço e objetos compartilhados.

Acredita-se que o autista não se veja com formato, é como se ele fosse um emaranhado de massa. Quando a *presença próxima* se torna uma referência para o indivíduo autista, ele alcança um contorno de si. Isso o ajuda a organizar seus pedaços, mesmo que por pouco tempo. As áreas de convivência eram onde as atividades de rotina davam espaço para que os gestos autistas fossem rebeldes e funcionais.

Todas as atividades eram registradas em vários tipos de documentação, mas vale ressaltar a importância que os filmes tiveram para o trabalho desenvolvido em Cevenas. Não com o intuito de representação, mas como um direcionamento de possibilidades, principalmente às famílias. A câmera para Deligny, era uma ferramenta pedagógica. Para ele, gravar tinha um potencial ao que ele chamava de *ponto de ver*, desde que a câmera fizesse parte do meio. Assim, tirava o olhar pessoal e subjetivo de quem estivesse por trás das câmeras, sendo imagens “refratárias” ao que é formulado pelo senso comum. A imagem de normalidade que deve ser seguida, Fernand Deligny chamava de *imagem do homenzinho*. Isso parte através da assemelhação que buscamos do que é diferente ao que “deveria ser”, sem pensar que isso nunca será alcançado, pois não há semelhantes.

Com o tempo, a instalação da rede em Cevenas foi se desfazendo. Logo depois, ele enfrentou graves problemas de saúde, mas permaneceu com seus projetos através da escrita. Ele faleceu em 18 de setembro de 1996, em Monoblet, aos 82 anos. Seu trabalho trouxe uma criticidade ao que a sociedade acha humanamente aceitável e o quanto ainda somos enrijecidos quando nossa cobrança se esbarra ao limite do outro. Mesmo depois de cinquenta anos do encerramento das atividades em Cevenas, a sua delicadeza e sensibilidade ecoam em um mundo cada vez mais produtivista.

III. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO – SISTEMATIZAÇÃO DE TRABALHOS SOBRE FERNAND DELIGNY E O AUTISMO

O objetivo desse levantamento é observar em como tem sido as produções no Brasil sobre Fernand Deligny nos últimos cinco anos e em como elas têm sido desenvolvidas para pensar em novas pedagogias. A partir disso, perceber

Neste capítulo será compartilhado o levantamento da revisão bibliográfica acerca das produções mais recentes que têm tido o trabalho de Fernand Deligny como objeto de estudo. Através de bases de dados como Scielo, Capes Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Google Acadêmico procurei trabalhos produzidos com palavras-chave Deligny e autismo, destes escolhi cinco para aprofundar a discussão. O trabalho de Fernand Deligny é recente no Brasil, seu primeiro livro traduzido para o português foi “O Aracniano e outros textos” publicado pela N-1 Edições em 01 de janeiro de 2015. É um dado importante ao pensar porque ele é pouco conhecido e difundido nos estudos de Pedagogia e Psicologia.

Tomaremos o período 2020 - 2025 com fins de pesquisa para um trabalho de conclusão de curso. Foi observado que entre a data da primeira tradução em português do autor até o período escolhido para a pesquisa, não houve aumento nas publicações em bases de dados consolidadas, como, Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, apenas na Capes, com um artigo de 2019. Ao pensar nas pesquisas feitas no Google Acadêmico, usando as palavras-chave Deligny e autismo, os filtros usados foram limitar a trabalhos em português e não incluir citações. Quando aumentei o tempo de 2015-2025, os resultados apresentados no Google Acadêmico aumentaram para aproximadamente 450.

Tabela de sistematização de trabalhos sobre Fernand Deligny e Autismo de 2020-2025				
Bases de Dados	Resultados	Idioma	Tipo de trabalho	Especialidade
Scielo	1	Português	Artigo Científico	Filosofia
Capes	5	Português	Artigo Científico	Filosofia, Psicanálise, Psicologia Histórico- Cultural, Educação e Terapia

				Ocupacional
Biblioteca Digital (BDTD)	5	Português	Dissertações	Artes Cênicas, Artes, Psicologia e Educação
Google Acadêmico	294	Português	Artigos Científicos, livros e dissertações	Educação, Filosofia, Psicologia, Psicanálise e Artes

Durante as pesquisas, percebi que as palavras-chave utilizadas fazem toda a diferença para encontrar trabalhos significativos. Em determinados trabalhos encontrados no Google Acadêmico é possível ter acesso a diversas produções que citem Deligny ou o autismo, mas não necessariamente esse será o tema principal abordado. Em alguns artigos, apenas o tema autismo é desenvolvido, ou alguma temática que de forma superficial fale sobre o tema. Foi observado que ao longo dos resultados, o mesmo trabalho aparece diversas vezes e não há critérios estabelecidos em relação a confiabilidade dos resultados. Outras evidências, foram resultados cujas citações são feitas a partir de trabalhos não acadêmicos. A partir de uma breve pesquisa na internet, é dito que a *Google* não revela quais são os mecanismos utilizados para enquadrar os resultados em acadêmicos.

Outras características me chamaram a atenção, principalmente no que diz respeito a cartografia. Apesar do Deligny trabalhar com essa ferramenta no auxílio das *presenças próximas*, ele não foi o único a utilizar desse gesto para pensar nos deslocamentos em um determinado espaço. Inclusive, um dos autores que trabalham com a cartografia como mecanismo de observação de encontros é Félix Guattari, com quem Fernand Deligny teve um contato próximo durante sua passagem pela clínica em La Borde e posteriormente, a instalação em Cevenas, sendo este em um espaço cedido por Guattari. Essa informação é muito importante para pensar que em alguns resultados dados pelo Google Acadêmico, os trabalhos tinham cartografia como uma das palavras-chave, porém, a pesquisa era desenvolvida através das contribuições de Félix Guattari e Gilles Deleuze.

Existe uma ausência de trabalhos que explorem a relação entre eles e a influência que Deligny teve em alguns conceitos de Guattari e Deleuze, sendo a cartografia um deles. Isso seria de grande importância para uma maior exploração dos trabalhos de Fernand Deligny, levando em consideração que Guattari é um famoso psicanalista e Deleuze, filósofo de mesma importância, ambos franceses.

Então, levando em consideração o objetivo do trabalho em ter acesso a pesquisas voltadas para o aprofundamento nos trabalhos desenvolvidos por Fernand Deligny, em

português, há poucas produções em bases de dados confiáveis que o público possa ter acesso. Pensando em todas as contribuições que o autor possa oferecer, principalmente para professores, psicólogos e áreas afins que tenham contato direto com crianças atravessadas pelo autismo, precisa-se de mais produções que passem por critérios rigorosos sobre sua veracidade e impactos. Em uma entrevista dada em 2020, para a Dra. Sônia Regina da Luz Matos pela Revista Educação Temática Digital, Marlon Miguel fala sobre o pouco conhecimento sobre o autor e a sua relevância para a educação:

No Brasil ele não era nada conhecido, nem mesmo na educação. Ele traz uma reflexão para educação que é muito interessante e que continua presente mesmo em seus textos mais tardios. Talvez esses textos tragam reflexões para a educação até mais interessantes do que os textos dos anos 40. Enfim, não sei se mais interessantes, mas em todo o caso tão interessantes quanto. É curioso em todo o caso que na França, atualmente, ninguém da educação leia os textos mais tardios (Miguel, p. 514, 2020)

Sendo um dos maiores estudiosos de Deligny no Brasil, o Dr. Marlon Miguel, graduado e mestre em Filosofia, doutor em Filosofia e Artes Plásticas, tem sua formação no Brasil e na França. Ele já escreveu alguns artigos sobre Fernand Deligny, sendo quatro em língua portuguesa. Atualmente, ele não reside no Brasil, mas os seus artigos em português e francês estão disponíveis nas bases de dados citadas neste trabalho. Em 2014, ele lançou o livro “Fernand Deligny e as Ecologias do Humano” pela editora UFRJ. Sendo esta obra e autor, as maiores contribuições para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso.

Dentre todas as produções que tive acesso durante as minhas pesquisas, eu escolhi 5 dos 294 resultados obtidos através do Google Acadêmico para expor de às contribuições de Fernand Deligny acerca do trabalho com crianças autistas. A ordem é de acordo em como um artigo complementa o outro, formando uma *teia* de contribuições.

Os cinco artigos escolhidos foram devidos às contribuições que eles oferecem de vários aspectos sobre as contribuições de Deligny e por ter suas publicações recentes. Devido a pouca divulgação dos trabalhos de Fernand Deligny no Brasil, suas experiências ainda não são incluídas nos currículos de cursos como Pedagogia e Psicologia. Por esse motivo, esses artigos conseguem trazer reflexões importantes sobre como o autismo vem sendo encarado no ambiente escolar e em construções alternativas para as demandas atuais. Apesar dos termos complexos, eles são didáticos em suas inquietações sobre como a inclusão imposta não contribui para a construção subjetiva de crianças autistas. Marlon Miguel fala em seu livro “As Ecologias do Humano” que antes havia uma exclusão total e agora é uma inclusão forçada.

Título	Autor(es)	Base de Dados	Revista	Ano
Contemporâneo Fernand Deligny: cartografar entre a educação e o poder psiquiátrico	Edson Augusto de Souza Neto, Fabio Zoboli e Perolina Souza Teles	(Capes) e Google Acadêmico	Revista Educação e Filosofia	2024
Corpo Comum	Marlon Miguel	Google Acadêmico	Revista Educação e Filosofia	2025
Fernand deligny e o autismo como um diferente registro perceptivo	Carlos Henrique Machado	Scielo, (Capes) e Google Acadêmico	Transformação Revista de Filosofia da Unesp	2025
Fernand Deligny e a educação como prática de liberdade	Gladison Luciano Perosini	Google Acadêmico	Revista Signos	2025
Nem falta, nem falha: o autismo entre Deligny e Vygotsky	Luis Otávio Vilela da Cruz, Nívea Dias Fernandes	(Capes) e Google Acadêmico	Revista Signos	2025

1- Contemporâneo Fernand Deligny: cartografar entre a educação e o poder psiquiátrico

Este artigo, que também se encontra na base de dados da Capes, tem como objetivo analisar e mostrar a relevância do trabalho de Fernand Deligny para os debates contemporâneos em relação a vivência com crianças autistas. Como já dito no capítulo anterior, Deligny não via benefícios aos tratamentos psiquiátricos impostos. Com ética, ele entendia as *errâncias* como forma de existência, questionando os modos terapêuticos como tentativas de padronização daqueles indivíduos. Os autores trazem uma questão norteadora para pensar nas experimentações de Deligny: será em como aquele corpo vai ocupar um espaço que não considera a sua forma? Diferentemente disso, ele busca pensar em como o espaço pode ser potencializador das várias formas de convivência. Sem a linguagem oral, ele continua falando através de gestos. Aqui, cabe ao sujeito falante criar espaços para que o outro que não se sujeita a falação possa se comunicar. A rebeldia criada por Deligny é refratária, aos olhos daqueles que veem nas palavras a única forma de existir.

Foi através da cartografia que ele teceu as possibilidades daqueles que são “voltados

para si” se encontrarem às sombras dos que verdadeiramente só se ocupam através da fala. As *presenças próximas* é uma das teias jogadas por Deligny ao evocar as possibilidades de vida para aqueles corpos sem forma, em pedaços e emaranhados. “Fazer mapas não é sobre interpretá-los, compreendê-los, não como um geógrafo, mas tal qual um pintor. Ele nos fala sobre a existência de mapas de intensidades, da necessidade de observação sobre o que preenche o espaço e o trajeto ”(Deleuze, 2011 apud Neto, Zoboli e Teles, 2024, p. 20).

2- Corpo Comum

Dando continuidade a contribuição do artigo anterior, aqui o autor fala em como Fernand Deligny pensou na necessidade de fabricar um espaço, que disponha de objetos dispostos intencionalmente para que haja uma circulação de corpos que verbalizam e corpos que não verbalizam e assim formando uma teia que compõe esse *corpo comum*. E através das *presenças próximas*, os não verbais consigam agir com seus gestos e movimentos. Em um mapa feito por Gisèle Durand em 1973, ela traça o movimento de crianças e adultos durante a lavação da louça no espaço de convivência do Serret.



Imagem: mapa feito por Gisèle Durand em 1973

Fonte: site encontrodeligny

Esse mapa mostra a interação entre adultos e crianças autistas, os adultos são representados pelos bonecos sem cabeça, a parte em laranja representa o *simulacro* - *gestos para*

nada (é uma ação que não tem nenhuma intenção, como um simples bater palmas), as linhas pretas representam o movimento dos adultos e as brancas, o movimento das crianças. Tudo começa ao lado superior à direita, onde a louça é recolhida da mesa e levada até o centro à direita, colocada em uma tábua e lavada com a água vinda em jarros do alto à esquerda, após lavadas são guardadas no canto inferior à direita.

A representatividade mais importante representada nesse mapa, são os encontros, a continuidade das atividades e a interação em um simples movimento de rotina. Essa representação forma o *corpo comum*.

3-Fernand deligny e o autismo como um diferente registro perceptivo

Este artigo está disponível na base de dados Scielo, Capes e Google Acadêmico. Ele traz uma reflexão importante através do pensamento de Deleuze no que diz respeito a *passividade*. De forma resumida, para ele, isso não significava inércia, mas uma operação do corpo que funciona de forma inconsciente e natural ao ser atravessado pelas forças e afetos que estão de fora. Ele a classifica como *sínteses passivas*, que são mecanismos do corpo que não dependem da consciência, isso vem antes de qualquer memória formada, derivando nos hábitos e suas repetições se organizam em uma experiência impessoal que não passam pela linguagem. E as *sínteses ativas* que são os comandos dependentes da subjetividade, dão sentido ao que foi gerado e foi perdido através das *sínteses passivas*.

O que Deligny fez com crianças autistas foi justamente estruturar vivências que não passam pela linguagem. Isso desestrutura a política de subjetivação imposta. Antes da formação do sujeito, há um espaço onde atravessam afetos não nomeados, sendo sua percepção nem interna e nem externa. Isso nos remete ao mapa exposto no artigo anterior, que mostra as ações de recolher, lavar e guardar a louça é uma radicalização na comunicação, que não passa pela falação e sim pela escuta daquele corpo que não fala. Como ressaltado por Machado, 2025, p. 11);

Clinicamente, esse deslocamento produz efeitos profundos. Em vez de interpretar o gesto autista como falta, déficit ou sintoma, passamos a vê-lo como índice de uma organização perceptiva própria, operando em um plano intensivo, onde a orientação se dá por vetores espaciais, por repetições, por linhas de errância — e não por intenções comunicativas. Isso exige não uma “intervenção”, mas uma atenção radical, uma escuta do gesto, do corpo, do ritmo; uma clínica que não fala para o outro, mas que se deixa afetar com o outro. Em vez de buscar a comunicação, trata-se de criar as condições para a coemergência de uma experiência partilhável.

4- Fernand Deligny e a educação como prática de liberdade (Gladison Luciano Perosini)

pulicado em 2025 pela Revista Signos

Este artigo foi retirado do Google Acadêmico, trazendo uma discussão sobre a centralização dos trabalhos de Fernand Deligny na convivência e nas diferenças. Isso contrapõe o modelo escolar tradicional, que vem sendo um ambiente padronizador e que tentam dissolver as diferenças como forma de instrumento pedagógico. Não só de forma teórica, mas principalmente prática, Deligny via os ambientes escolares como ambientes onde a disciplina e a padronização eram mais importantes do que a formação humana. Mais tarde, quem falaria sobre instituições que domesticação corpos, seria Michel Foucault.

A cartografia tem uma dimensão clínica, onde não tinha nenhuma função terapêutica ou de correção. Apenas traçar a vida acontecendo, sem objetivos concretos ou intenções. Ali, nas *errâncias* havia uma compreensão genuína dos movimentos sem sentido. E a partir disso, oferecer espaços e pessoas que estiverem dispostas a simplesmente estar e a partir disso, fazerem da rotina um movimento emancipatório de corpos desmantelados.

Deligny tinha uma presença ética, se tratando do acolhimento onde as diferenças eram usadas para um bem comum. A emancipação era a consequência da convivência heterogênea, desafiando as imposições capitalistas de individualização e produtivismo. O viver e se entranhar nas diversas formas de existências, enriquece o repertório daqueles que foram moldados através das palavras e acham que o único caminho a ser seguido é o que produz.

5- Nem falta, nem falha: o autismo entre Deligny e Vygotsky

Este artigo foi encontrado na base de dados da Capes e Google Acadêmico, ele aproxima os trabalhos de Fernand Deligny e Lev Vygotsky, um psicólogo russo que fundou a psicologia histórico-cultural. Os dois fazem uma crítica ao pensamento de que a aprendizagem é um processo individual. Quando Deligny pensa nas áreas de convivência, na comunicação sem palavras e as *presenças próximas*, ele traz a responsabilidade social para aqueles que têm suas existências reafirmadas pelo sistema. Os conceitos de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) e mediação, Vygotsky mostra que o desenvolvimento é dependente do meio e os processos que esse meio escolhe é categórico nas construções dos saberes. Apesar de Deligny não ver as *presenças próximas* como mediadoras, eles dão a sua sombra para que os *erráticos* possam existir. Isso é um movimento de responsabilidade social, para que aqueles corpos não sejam silenciados simplesmente por não falarem com a boca.

Ambos os autores, mesmo com perspectivas diferentes, defendem a importância das diferenças, a possibilidade de ambientes onde a escuta sobressaia a padronização e que a aprendizagem não seja um termômetro de capacidades produtivistas. Eles não dispõem de uma teoria, mas oferecem ideias para repensar em como tem sido os ambientes escolares e terapêuticos. O encontro com o outro não deve ser visto como prática, mas como experiências humanas que enriquecem a percepção do mundo.

Desse modo, o objetivo desse capítulo foi resumir alguns artigos que articulem as ideias de Fernand Deligny com a realidade escolar, principalmente ao que diz respeito a educação inclusiva. Conclui-se que as produções do autor no Brasil são poucas, mas de grande força e consistência. Por isso, precisamos aumentar as possibilidades que pedagogos e psicólogos possam desenvolver práticas mais éticas e enriquecedoras ao terem contato com crianças autistas, para não ficarem restritos em abordagens adaptacionistas mais conhecidas. É possível perceber que seu trabalho não é tão reconhecido com seu nome, mas está intrinsecamente ligado a outros autores de forma direta ou indireta, como, Deleuze e Guattari e Michel Foucault.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou conhecer as principais contribuições de Fernand Deligny acerca das suas experiências com crianças autistas. Trazendo um breve histórico dos caminhos que a condição do autismo passou ao longo dos anos, desde a sua primeira aparição nos termos médicos-psiquiátricos. A palavra autismo deriva do grego antigo *autos*, que significa “a si mesmo”, o que Deligny discordava, mas que talvez explique a dificuldade que a sociedade tenha em criar espaços para que essa singularidade possa existir nela. A sua rebeldia é um movimento de resistência ao capitalismo, que descarta um corpo não produtivo. Ao pensar na emancipação desses corpos, Deligny buscava possibilidades de atravessar e existir fora das palavras e operasse a singularidade.

O acolhimento acontece na afirmação da diferença e nas várias possibilidades de se comunicar, sendo o falante uma espécie de sombra para que o não falante possa se existir. Durante meu estágio de apoio, a dificuldade foi insistir em práticas que não acolhiam aquele corpo e diminuí-lo a incapaz. A fita métrica da escola tradicional, tem sido a capacidade de adaptar às exigências de produção. A consequência dessas práticas tem sido o desgaste de professores e alunos, que não conseguem desenvolver atividades enriquecedoras e emancipatórias.

Através das contribuições de Deligny a diferença passa de um problema para a solução. A partir do momento que as diferenças passam a ser acolhidas, elas geram movimentos que dão direção ao verdadeiro objetivo da educação que é humanizar a sociedade através das relações. A cartografia mobiliza a reorganização dos espaços para que ele inclua todas as possibilidades de existências e nos leve a outros caminhos lindos. A partir do momento em que conheci as experiências de Deligny, pensei em como a minha experiência no estágio poderia ter sido menos sofrida e que são nas brechas que conseguimos mudanças significativas no sistema.

Portanto, é de suma importância difundir cada vez mais os pensamentos de Fernand Deligny nas áreas de educação e psicologia, para que outros profissionais possam experimentar alternativas que fujam da padronização imposta. Devido aos diversos fatores que justificam o aumento de laudos patologizantes, o ambiente escolar enrijecido pode acabar potencializando condições de adoecimento mental. Reconhecendo que o sistema não visa apenas a moldagem de crianças, mas fazerem dos professores agentes de padronização e manutenção do capitalismo que

captura subjetividades contrárias a singularidade, defendo que radicalizar nas propostas educacionais é um ato político e Deligny com seu trabalho é um aliado.

V. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Alessandra Rocha de; CORTÊS, Maria do Socorro Mendes. **Contribuições para o diagnóstico do transtorno do espectro autista:** de Kanner ao DSM-V. Revista JRG de Estudos Acadêmicos - Ano III (2020), v. III, n.7, jul./dez. 2020.
- ALMEIDA, Maíra Lopes; NEVES, Anamaria Silva. **A Popularização Diagnóstica do Autismo:** uma Falsa Epidemia?. Psicologia: ciência e profissão, v. 40, p. 1-12, 2020.
- ALVES, Luciana Pires; PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **linhas erráticas:** cartografias de um outro modo de existir na (vida e) escola. childhood & philosophy, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 575-594, set.-dez. 2018.
- ALVES, Luciana Pires; PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Errançar:** Leituras e escritas em errância. Um pequeno glossário de conceitos Delignyanos. Signos, Lajeado, ano 46, n. 3, p. 123-139, 2025.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**/Daniela Arbex, 1. Ed, São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- ASSIS, Letícia Alexandra de; OLIVEIRA, Anderson Oramisio. **As contribuições da teoria de Henri Wallon para a educação.** Cadernos da Funcamp, v. 21, n. 52, p. 60-75, 2022.
- AZEVEDO, Gabriel Leite; MARTINS, Karla P. Holanda; MESQUITA, Mirka. **O humano e a linguagem:** ressonâncias da Psicanálise na rede de Fernand Deligny com crianças e jovens ditos autistas. Analytica, São João Del Rei, v. 12, n. 22, jan/jun 2023.
- BENITEZ, Priscila et al. **Implicações nas políticas educacionais brasileiras dos critérios diagnósticos do autismo no DSM-5 e CID-11.** Revista Imagens da Educação, v. 13, n. 2, p. 105-127, abr./jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Autismo.** Brasília: Ministério da Saúde, 2025.
- CASTRO, Eliane Dias de; MENDES, Mariana Louver. **Fernand Deligny e uma clínica por vir:** mobilizações sobre modos de cuidar em saúde mental na infância e adolescência. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 28, n.1, p. 343-355, 2020.
- CHIARI, Brasília Maria; PERISSINOTO, Jacy; TAMANAHA, Ana Carina. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger.** Rev Soc Bras Fonoaudiologia. v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008.
- COSTA, Michele Cristineda Cruz. **A pedagogia de Célestin Freinet e a vida cotidiana como centr na prática pedagógica.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.23, p. 26 –31, set. 2006.
- CRUZ, Luis Otávio Vilela da; FERNANDES, Nívea Dias. **Nem falta, nem falha:** o autismo entre Deligny e Vygotsky. Signos, Lajeado, ano 46, n. 3, p. 47-68, 2025.
- DELIGNY, Fernand. **O Aracniano e outros textos.** São Paulo: n. 1, p. 25, 2015.

DELIGNY, Fernand. **Os Vagabundos Eficazes**. São Paulo: n. 1, p. 16, 2018.

FERNANDES, Conceição Santos; GIRIANELLI, Vânia Reis; TOMAZELLI, Jeane. **Diagnóstico de autismo no século XXI**: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. Psicologia USP, v. 31, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 27. Ed. Petrópolis: Vozes, p. 118, 1999.

JÚNIOR, Francisco B. Assumpção; PIMENTEL, Ana Cristina M. **Autismo infantil**. Revista Brasileira de Psiquiatria, n. 22, p. 37-39, 2000.

LAURENTI, Ruy. **Análise da informação em saúde**: 1893-1993, cem anos da Classificação Internacional de Doenças. Revista Saúde Pública, n. 25, v. 6, p. 407-417, 1991.

LOPES, Bruna Alves. **Autismo, narrativas maternas e Ativismo dos Anos 1970 a 2008**. Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v. 26, n. 3, p. 511-526, Jul./Set., 2020.

MACHADO, Carlos Henrique. **Fernand Deligny e o lugar do espírito a-sujeitado**. APRENDER, Cad. De Filosofia e Educação, Vitória da Conquista, ano IX, v. 19, n. 33, p. 35-47, jan/jun 2025.

MACHADO, Carlos Henrique. **Fernand deligny e o autismo como um diFerente registro perceptivo**. Transformação Revista de Filosofia da Unesp, v. 48, n. 6, 2025.

MANSANO, Sônia Regina Vargas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009.

MATOS, Sônia Regina da Luz. **DELIGNY, Fernand. O aracniano e outros textos. Tradução Lara de Malimpesa**. São Paulo: 1 edições, 2015. Revista entreideias, Salvador, v. 5, n. 2, p. 97-102, jul/dez 2016.

MEDRADO, Ana Carolina Cerqueira; SOUZA, Rodrigo Matos-de-. **Dos corpos como objeto: uma leitura pós colonial do ‘Holocausto Brasileiro’**. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 45, n. 128, p. 164-177, jan./mar. 2021.

MIGUEL, Marlon. Conversação sobre Fernand Deligny e o Aracniano. [Entrevista concedida a] Sônia Regina da Luz Matos. **ETD- Educação Temática Digital**, Campinas-SP, v.22, n.2, p.498-516, abr./jun. 2020.

MIGUEL, Marlon. **Corpo Comum**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 39, p. 1-16, 2025.

MIGUEL, Marlon. **Fernand Deligny e as ecologias do humano**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2024.

MIGUEL, Marlon. **Guerrilha e resistência em Cévennes**. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, v. 8, n. 1 – p.57-71, 2015.

MIGUEL, Marlon. **Os dois lados da inquisição**: Fernand Deligny, ensaios de uma tentativa pedagógica. Revista Ao Largo, v.1, p. 25-41, 2015.

NASCIMENTO, Ana Carolina Peixoto do. **A construção de subjetividades no ambiente escolar: relações de poder e contribuições da psicologia**. Revista Humanidades e Inovação, v.9, n. 08, p. 201-206, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1913>. Acesso em: 13 mar. 2026.

NETO, Edson Augusto de Souza; TELES, Perolina Souza; ZOBOLI, Fabio. **Contemporâneo Fernand Deligny**: cartografar entre a educação e o poder psiquiátrico. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 38, p. 1-32, 2024.

PEROSINI, Gladison Luciano. **Fernand Deligny e a educação como prática de liberdade**. Signos, Lajeado, ano 46, n. 3, p. 140-151, 2025.

SERRA, Dayse. **Autismo, Família e Inclusão**. Polêm!ca, v. 9, n. 1, p. 40 – 56, jan./mar. 2010.

SILVA, Dener Luiz da. **Do gesto ao símbolo**: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. Educar, Curitiba, Editora UFPR, n. 30, p. 145-163, 2007.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **Dispositivo**: um solo para a subjetivação. Psicologia & Sociedade, v. 18, n. 3, p. 16-22, set/dez 2006.